

O valor simbólico dos atos terroristas na Europa e Estados Unidos

Bruno Nunes Kamogawa¹

Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO)

Resumo

Em busca da legitimação e defesa de seu autoproclamado califado, o Estado Islâmico tem intensificado sua atuação na Europa contra os países que ameaçam sua hegemonia e expansão no Oriente Médio. Em um cenário de medo e intolerância, atos terroristas foram responsáveis por milhares de mortes, tendo como consequências o fortalecimento de partidos de extrema direita e de políticas xenofóbicas.

Palavras – Chave: valor simbólico, terrorismo, ideologia

Introdução

Por trás de cada ato terrorista realizado nos últimos anos no continente europeu existe um valor simbólico que expressa o repúdio aos valores da sociedade ocidental e a imposição do fundamentalismo islâmico. De maneira incisiva e violenta, buscam construir uma realidade homogênea relacionada aos seus interesses através de meios físicos (atentados terroristas) ou simbólicos.

Em resposta aos recentes acontecimentos, nota-se uma elevação do discurso de extrema direita na Europa, reforçando medidas de caráter xenofóbico contra os estrangeiros, em especial muçulmanos. Cenário semelhante ao visto nos Estados Unidos pós 11 de setembro e que tende a se repetir com o agravante da grave crise humanitária de refúgios que buscam abrigo em países da União Europeia.

No campo simbólico, segundo Pierre Bourdieu, este cenário é retratado na medida em que “as diferentes classes e frações de classes estão envolvidas numa luta propriamente simbólica para imporem a definição do mundo social mais conforme aos seus interesses, e imporem o campo das tomadas de posições ideológicas reproduzindo em forma transfigurada o campo das posições sociais” (2006: 11)

¹ Graduado em Jornalismo (Unitri-MG), especialista em Comunicação Jornalística (PUC-SP), especialista em Comunicação Empresarial e Mídias Digitais (Ipog-GO), mestrando em História (PUC-GO).

A ideologia do terrorismo

“Ideologia” é um termo usado no senso comum contendo o sentido de "conjunto de ideais, pensamentos, doutrinas e visões de mundo de um indivíduo ou de um grupo, orientado para suas ações sociais e, principalmente, políticas". A ideologia, segundo John Thompson, que recorre criticamente a Karl Marx, é considerada um dispositivo de dominação que atua fundamentalmente por meio do convencimento (e não da força), de forma prescritiva, alienando a consciência humana e mascarando a realidade.

O termo ideologia, usado inicialmente pelo filósofo francês Destutt de Tracy, foi empregado por este para descrever seu projeto de uma nova ciência, a qual analisaria a sistemática das ideais e sensações. Baseado nos princípios iluministas, a mesma seria a resposta filosófica e educacional ao Terror, instaurado na França, durante a revolução de 1789.

Segundo de Tracy, a ideologia deveria ser positiva, útil e suscetível de exatidão rigorosa, onde em sua concepção, a mesma seria definida como:

“... a primeira ciência, pois todo o conhecimento científico envolveria a combinação de ideais. Ela seria, também, a base da gramática, da lógica, da educação, da moralidade e, finalmente, a maior de todas as artes, isto é, a arte de regular a sociedade de tal modo que o ser humano encontraria ali o maior auxílio possível e, ao mesmo tempo, o menor desprazer de sua existência”. (THOMPSON, 2002:45).

Neste sentido, está nova ciência, de acordo com o filósofo, possibilitaria a compreensão da natureza humana e a reestruturação da ordem social e política conforme as necessidades e anseios do ser humano, preservando-o do erro e preconceito. Porém, com o fim da revolução e ascensão de Napoleão Bonaparte, a ideologia sofreria transformações, levando-a a um sentido novo e diferente, bem distante de seu criador.

Neste contexto, Bonaparte, que inicialmente se apoiara nas ideais de Tracy na elaboração da nova Constituição, voltou-se contra o mesmo, utilizando-o como bode expiatório para os fracassos do governo, especialmente a Campanha da Rússia. Segundo

¹ Graduado em Jornalismo (Unitri-MG), especialista em Comunicação Jornalística (PUC-SP), especialista em Comunicação Empresarial e Mídias Digitais (Ipog-GO), mestrando em História (PUC-GO).

Thompson “Napoleão ridicularizou as pretensões da ideologia: ela era, na sua visão, uma doutrina especulativa abstrata, que estaca divorciada das realidades do poder político” (idem, ibidem: 46). De acordo com Bonaparte,

“Nós devemos colocar a culpa dos males que a nossa França sofreu na ideologia, a metafísica obscura que procura, sutilmente, pelas últimas causas, onde se deve colocar a legislação dos povos, em vez de fazer uso das leis conhecidas do coração humano, e das lições da história. Estes erros, inevitavelmente, devem levar, e de fato levaram, a um governo de homens sanguinários... Quando alguém é chamado a revitalizar um Estado, ele deve seguir exatamente os princípios opostos”. (idem, ibidem: 47)

Em um momento de declínio do imperador, o termo foi usado como arma contra adversários tanto na arena política como religiosa, em uma tentativa desesperada de sustentar o governo. Assim, de acordo com Thompson, como:

“... o termo ideologia escorregou para a arena política e foi jogado contra os filósofos por um imperador sob estado de sítio, o sentido e a conotação do termo começou a mudar. Deixou de se referir apenas à ciência das ideias e começou a se referir também às ideias mesmas, isto é, a um corpo de ideias que, supostamente, seria errôneo e estaria divorciado das realidades práticas da vida política” (idem, ibidem, 47- 48).

Karl Marx desempenhou um importante papel na história e no conceito da ideologia, onde atribui ao mesmo um novo status de instrumento crítico e componente de um novo sistema teórico. Para o pensador, “ideologia, neste sentido, é uma doutrina teórica e uma atividade que olha erroneamente as ideias como autônomas e eficazes e que não consegue compreender as condições reais e as características da vida sócio histórica” (idem, ibidem, 51).

Considera por Marx como uma “falsa consciência”, proveniente da divisão do trabalho manual e intelectual, é atribuída como geradora de inversão ou distorção da realidade, a favor de ideais ou vontades da classe dominante. De acordo com Marx, em “A ideologia alemã”, “as ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias

¹ Graduado em Jornalismo (Unitri-MG), especialista em Comunicação Jornalística (PUC-SP), especialista em Comunicação Empresarial e Mídias Digitais (Ipog-GO), mestrando em História (PUC-GO).

dominantes, isto é, a classe que tem força material na sociedade é, ao mesmo tempo, a sua força intelectual dominante” (idem, *ibidem*: 54).

Baseando-se neste pressuposto, “ideologia”, passou a ser usado para expressar e fundamentar ideias de uma classe dominante seja no âmbito político, religioso, econômico, social, dentre outros. Neste cenário, surgem também as expressões relacionadas à defesa ou imposição de uma determinada ideologia de forma extrema, por meio do terrorismo.

Assim, tal prática, antes mesmo da definição de uma terminologia, já era empregada como forma de impor uma ideia, pensamento, religião, na manutenção do poder entre outras razões sem justificativa. Segundo SunTzu-Ping-fa, general chinês do século IV A.C, “atacar não significa apenas assaltar cidades muradas ou golpear um exército em ordem de batalha, deve também incluir o ato de assaltar o inimigo no seu equilíbrio mental” (RICARDO e SUTTI, 2003:1).

O termo “terrorismo” originou-se na França entre setembro de 1793 e julho de 1794, durante a Revolução Francesa, quando foi empregado principalmente pelos jacobinos com o intuito de se reafirmarem no poder, derrotar as forças contrarrevolucionárias e consolidar a obra da revolução. Desde então, práticas terroristas, foram abundantemente utilizadas por organizações e movimentos, governos e Estados, tanto à direita como à esquerda.

Desta forma, nota-se um uso exacerbado deste recurso ao longo da história como ferramenta extrema para fins estratégicos, políticos ou religiosos. Karl Heinzem, na obra *Der Mord*, (1848) endossa o terrorismo como meio para se conseguir um determinado resultado e justifica “o uso da violência e de métodos que tragam pânico e terror, como bombas e envenenamento, para atingir determinados objetivos considerados fundamentais para uma causa” (idem, *ibidem*, 4).

Com uma variedade de definições, nenhuma suficientemente ampla, consensual ou livre de influências ideologicamente conservadoras sobre o tema, enumera-se alguns significados para o mesmo, como:

- “Terrorismo é o uso da violência política como forma de pressionar um governo e/ou sociedade para que aceitem uma mudança política ou social

¹ Graduado em Jornalismo (Unitri-MG), especialista em Comunicação Jornalística (PUC-SP), especialista em Comunicação Empresarial e Mídias Digitais (Ipog-GO), mestrando em História (PUC-GO).

radical”, (ROBERTSON, D. A Dictionary of Modern Politics. New York: Oxford, 1993)

- “Em termos gerais, o terrorismo é uma ação violenta que procura, mediante a espetaculosidade do ato, provocar na população uma reação psicológica de medo, um pavor incontrolável, o terror. Ele não é um fenômeno novo, é tão velho quanto a própria guerra, a mesma que acompanha a sociedade desde os seus primórdios. Os Estados, os exércitos, as etnias, os grupos e os homens isoladamente têm empregado o expediente do terrorismo como forma de diminuir a coragem dos seus inimigos, enfraquecer a sua resistência e facilitar a vitória. De assassinatos até etnocídios, passando por genocídios e magnicídios, com o único objetivo de infundir o terror, a humanidade tem conhecido desde sempre esta particular manifestação da violência em todos os rincões do globo. São mais visíveis os atos de terrorismo espetaculares, nos quais um grupo extremista assassina um grande número de pessoas, mas não é menos cruel e sanguinário o chamado "Terrorismo de Estado", frequente na recente história da América Latina, em que os governos espalham o terror entre os cidadãos com o argumento de manter a estabilidade do regime. A novidade deste velho flagelo talvez seja sua atual e crescente internacionalização”. (SAINT-PIERRE, Héctor Luis. Em torno de uma definição de "Terrorismo". Franca, São Paulo, 2005. www.noticias.universia.com.br. Acessado em 08/07/2005).
- “Terrorismo pode ser definido como uma intimidação coercitiva ou, mais amplamente, como o uso sistemático de assassinatos, ferimento e destruição, ou ameaças, para criar um clima de terror, para divulgar uma causa, e coagir pessoas a se submeterem aos seus objetivos”, (BOGDANOR, V. (ed.) The Blackwell Encyclopedia of Political Institutions. New York: Oxford, 1987);
- Uso ou ameaça da força ou a violência contra pessoas ou propriedades, com violação das leis criminais, com propósitos de intimidação, coerção ou resgate, em apoio de objetivos políticos ou sociais. (IANIN, Octavio. Capitalismo, violência e terrorismo. Rio de Janeiro; Civilização Brasileira; 2004, 104);
- Segundo o Dicionário Aurélio Buarque de Holanda: terrorismo. S. m. 1. Modo de coagir, ameaçar ou influenciar outras pessoas, ou de impor-lhes a vontade

¹ Graduado em Jornalismo (Unitri-MG), especialista em Comunicação Jornalística (PUC-SP), especialista em Comunicação Empresarial e Mídias Digitais (Ipog-GO), mestrando em História (PUC-GO).

pelo uso sistemático do terror. 2. Forma de ação política que combate o poder estabelecido mediante o emprego da violência;

(<https://dicionariodoaurelio.com>, acessado em 25/06/2016)

- Formalmente, terrorismo é o uso da violência sistemática, com objetivos políticos, contra civis ou militares que não estão em operação de guerra. Existem muitas formas de terrorismo. Os terroristas religiosos praticam atentados em nome de Deus; já os mercenários recebem dinheiro por suas ações; os nacionalistas agem movidos por um ideal patriótico. Há ainda os ideólogos, que armam bombas motivados por uma determinada visão de mundo. E, muitas vezes, o que se vê é uma mistura de tudo isso com desespero e ódio. (www.tvcultura.com.br, acessado em 20/06/2016);
- Quando empregado sozinho, pode se referir à motivação política, cometida contra alvos não-combatentes por grupos subnacionais ou agentes clandestinos, geralmente com o objetivo de influenciar o público. No âmbito internacional, pode significar uma ação que envolva muitos cidadãos ou o território de mais de um país. Já o termo "grupo terrorista" significa qualquer grupo que pratique terrorismo internacional, ou tenha subgrupos significativos que pratiquem terrorismo internacional. (Código dos Estados Unidos, artigo 2656f);
- The United States Department of Defense defines terrorism as “the calculated use of unlawful violence or threat of unlawful violence to inculcate fear; intended to coerce or to intimidate governments or societies in the pursuit of goals that are generally political, religious, or ideological.” Within this definition, there are three key elements—violence, fear, and intimidation—and each element produces terror in its victims. The FBI uses this: "Terrorism is the unlawful use of force and violence against persons or property to intimidate or coerce a government, the civilian population, or any segment thereof, in furtherance of political or social objectives." The U.S. Department of State defines "terrorism" to be "premeditated politically-motivated violence perpetrated against non-combatant targets by sub-national groups or clandestine agents, usually intended to influence an audience. (International Terrorism and Security Research).
- Any... act intended to cause death or serious bodily injury to a civilian, or to any other person not taking an active part in the hostilities in a situation of

¹ Graduado em Jornalismo (Unitri-MG), especialista em Comunicação Jornalística (PUC-SP), especialista em Comunicação Empresarial e Mídias Digitais (Ipog-GO), mestrando em História (PUC-GO).

armed conflict, when the purpose of such act, by its nature or context, is to intimidate a population, or to compel a government or an international organization to do or to abstain from doing any act. (United Nations);

Ao longo de vários séculos o terrorismo ganhou significados variados e denominações, indo muito além de seu sentido original, antes ligado as ações de extermínio ou execuções do Estado. Atualmente, o mesmo pode ser observado através de ações violentas de pessoas ou grupos com o intuito de defender ou impor um determinado ponto de vista, uma causa, um ideal político ou até mesmo uma doutrina religiosa.

Até o início do século XXI, o terrorismo o mesmo esteve presente em diferentes formas como:

- Terrorismo Interno ou de Estado: governos autoritários, ditatoriais e até mesmo democráticos realizam genocídios, prisões, torturas, dentre outros atos extremos em nome razões superiores do Estado ou na defesa dele. Perseguições políticas, contra minorias étnicas e grupos religiosos são práticas comuns neste cenário. Exemplo: Ditaduras brasileira e argentina, Coreia do Norte, EUA, Estado de Israel, França, Iraque, Somália
- Terrorismo de pessoas ou grupos: com objetivos em comum, unem-se na prática de atos extremos que levam medo aos governantes ou sociedade. Exemplos: FARC, ETA, IRA, Sendero Luminoso, Estado Islâmico, paramilitares na Colômbia e no México;
- Terrorismo individual: agindo de forma solitária, indivíduo usa o terror como forma de alcançar seu propósito. Exemplos: mercenário como Ilitch Ramirez Sanchez (Carlos, o Chacal), anarquistas franceses, radicais israelenses, homens-bomba do Estado Islâmico;

Atos simbólicos

Os recentes atentados terroristas na Europa trouxeram o lado mais radical da defesa de uma ideologia ou doutrina, na qual perseguições e mortes são consideradas necessárias e justificáveis. Os atos de violência extrema realizados principalmente em território francês como os assassinatos de funcionários do jornal Charlie Hebdo, de

¹ Graduado em Jornalismo (Unitri-MG), especialista em Comunicação Jornalística (PUC-SP), especialista em Comunicação Empresarial e Mídias Digitais (Ipog-GO), mestrando em História (PUC-GO).

cidadãos franceses e turistas em cinco pontos de Paris (novembro de 2015) e a recente tragédia na cidade de Nice estão repletos de significados muito mais complexos do que se aparenta.

Assim, o fato da França se tornar o principal alvo de atividades terroristas dentre os países da União Europeia traz à tona uma série de fatores que culminaram neste cenário de medo, intolerância e extremismo. Em um primeiro momento, as sátiras a religião muçulmana pelo polêmico jornal francês resultaram em ameaças virtuais e posteriormente em sua concretização por radicais islâmicos ao invadirem a sede do Charlie Hebdo e assassinarem 12 pessoas em uma clara violação dos direitos humanos e a liberdade de expressão.

Em relação ao massacre em Paris (13 de novembro de 2015), o qual deixou mais de 120 mortos e dezenas de feridos e ao atentado a cidade de Nice no Dia da Bastilha (14 de julho de 2016), com ao menos 84 mortos, ambos refletem uma clara retaliação a participação militar da França no combate ao “Estado Islâmico” no Iraque e Síria como um dos fatores que motivaram tais acontecimentos.

Em entrevista à rádio alemã Deutsche Welle (DW), em 15 de julho de 2016, e replicada pelo site de notícias Terra, a cientista política Ronja Kempin pontua determinados fatores que tornaram a França um alvo frequente de atentados terroristas como a grande comunidade muçumana com dupla nacionalidade no país, sendo que tal fator torna “difícil para as autoridades francesas controlar esses cidadãos no momento em que se radicalizam, pois eles podem facilmente sair e entrar do país com seu passaporte francês”.

Além disso, complementa a cientista, "comparando a França, por exemplo, com o Reino Unido ou os EUA, os dois outros países militarmente envolvidos de forma mais proeminente na luta contra o 'Estado Islâmico', percebe-se então que, geograficamente, a França é muito mais fácil de alcançar do que, por exemplo, o Reino Unido em sua condição insular”.

Com base neste cenário, nota-se a tentativa da construção de uma nova realidade baseada nos interesses de uma classe que deseja ser dominante e assim impor a legitimidade de sua dominação por meios físicos como atentados terroristas e destruição de símbolos que representam justamente o oposto daquilo pelo qual estes grupos ou

¹ Graduado em Jornalismo (Unitri-MG), especialista em Comunicação Jornalística (PUC-SP), especialista em Comunicação Empresarial e Mídias Digitais (Ipog-GO), mestrando em História (PUC-GO).

indivíduos defendem. Neste caso, visualiza-se a tentativa da imposição de um fundamentalismo islâmico, crescente em países que sofreram rupturas da sociedade tradicional e ao fracasso do Estado-nação como integrador das massas urbanas.

Neste cenário atual de fundamentalismo, o “Estado Islâmico” surge baseado em definição clássica de comunidade religiosa, que segundo Benedict Anderson (2005: 40) se considera cosmicamente central, através de uma língua sagrada ligada a uma ordem supra-terra de poder. Além disso, se diferem das nações modernas pela confiança em um sacramento único difundido através da língua, a qual funciona como um símbolo para todos e que supera fronteiras físicas.

A resposta do Ocidente

Os diversos ataques terroristas realizados em países da União Europeia contribuíram para o fortalecimento dos partidos de extrema direita, da xenofobia e principalmente do preconceito contra pessoas de origem árabe ou adeptos a religião muçulmana. Diante disso, visualiza-se uma tendência de radicalismo “em nome da segurança”, como aconteceu nos Estados após os atentados contra as Torres Gêmeas do World Trade Center em 11 de setembro de 2001, na cidade de Nova York.

Neste período conturbado nos EUA, George W. Bush conseguiu a reeleição, com promessas de justiça e liberdade, aproveitando também do medo vigente da população conclama a luta contra o terrorismo. Outro aspecto negativo ganha força, o terrorismo interno ou de Estado, onde ações são realizadas na restrição de informações, violação dos direitos civis e censura dos meios de comunicação, tudo em nome da segurança.

“Novas medidas adotadas pela administração Bush para restringir o acesso público a determinados tipos de informações governamentais, em nome da segurança, disparou o alarme de cientistas, grupos de interesse público e cidadãos preocupados, que preveem descer um manto de segredo indiscriminado sobre o seu trabalho, assim como a obstrução de suas atividades”. (ARBEX, 2003:131)

A censura à imprensa norte-americana pós 11 de setembro intensificou-se nos EUA, bem como aumentaram as restrições a qualquer tipo de informação tanto por parte

¹ Graduado em Jornalismo (Unitri-MG), especialista em Comunicação Jornalística (PUC-SP), especialista em Comunicação Empresarial e Mídias Digitais (Ipog-GO), mestrando em História (PUC-GO).

dos veículos de comunicação como pelo público em geral. Nesse sentido, o Decreto de Liberdade de Informação (DLI), que garante o acesso público de informações governamentais vem sendo prejudicado por novas medidas impostas que não obedecem nenhum dos critérios estabelecidos anteriormente.

A Lei de Liberdade de Informação foi aprovada em 1966 pelo congresso norte-americano (PL 89-487), codificada em 1967 como PL 90-23 e ampliada em 1974, onde expandiu o acesso às informações governamentais e diminuiu obstáculos burocráticos.

Ela estabelece que as agências pertencentes ao Poder Executivo e às comissões independentes do governo federal devem colocar-se à disposição dos cidadãos que solicitarem arquivos, informes, regulamentos e biografias de membros do governo que não estiverem enquadrados nas nove categorias isentas como: Informações secretas sobre temas de segurança nacional ou política exterior; Atividades internas dos funcionários; Informações estabelecidas como isentas perante a lei; Informações comerciais ou financeiras que sejam confidenciais; Memorandos internos ou entre agências; Informações pessoais, arquivos de funcionários ou históricos de saúde; Informações relacionadas a investigações que digam respeito ao controle da lei; Informações relacionadas à informes sobre instituições financeiras e Informações geológicas e geofísicas.

Segundo José Aberx, “a administração Bush, em síntese, ataca frontalmente um dos princípios fundamentais da república democrática instituída a partir de 1776, em seu país: a garantia de pleno direito, por parte dos cidadãos, à liberdade de informação” (idem, *ibidem*, 132). Desta forma, o governo autoriza a omissão, falsificação e restrição de informações consideradas “sensíveis, mas não classificadas”, o que deixa uma margem de interpretação muita vaga e vulnerável ao entendimento de cada órgão governamental.

“Isso é um problema, pois muitos órgãos do governo podem considerar sensível uma informação que nada tem a ver com segurança nacional. Podem, por exemplo, ocultar informações ao congresso, para proteger programas controversos da vigilância pública, ou manipular o sistema político por meio do ocultamento estratégico de informação” (idem, *ibidem*, 132).

¹ Graduado em Jornalismo (Unitri-MG), especialista em Comunicação Jornalística (PUC-SP), especialista em Comunicação Empresarial e Mídias Digitais (Ipog-GO), mestrando em História (PUC-GO).

Um exemplo claro dessa manipulação contra a liberdade de informação, confirmada pelo próprio governo, foi à implantação de informações falsas na mídia com o objetivo de enganar o “inimigo” e “influenciar a opinião pública assim como os governos de países aliados e hostis”. Para esta tarefa foi criado o Escritório de Influência Estratégica (Office of Strategic Influence), que trabalharia juntamente com os serviços do Comando de Operações Psicológicas do Exército na divulgação das falsas notícias na mídia internacional.

Neste clima de histeria antiterrorista, os direitos civis da população são violados, pois a segurança vem antes da liberdade, o que remete a “precedentes dos presidentes John Adams, Abraham Lincoln, Woodrow Wilson e Franklin D. Roosevelt, que mesmo sem enfrentar uma séria ameaça subversiva interna não hesitaram em decretar medidas rudes em tempo de guerra”, afirma Arbex. (idem, *ibidem*, 134)

O aumento dos poderes do Federal Bureau of Investigation (FBI), é outro sinal claro da nova política Bush, que permite seguir, vigiar, deter e interrogar qualquer pessoa suspeita (*veja no Anexo I em 1-4*). “Foram presos mais de mil pessoas, das quais centenas, um número não exatamente conhecido, continuam detidas, sem sequer saberem de que são acusadas”, afirma Arbex. (idem, *ibidem*, 132).

Qualquer estrangeiro residente nos EUA, com ascendência árabe ou pertencente à religião muçulmana, que ao contrário, do que muitos pensam, não prega a violência, passou a ser alvo potencial do governo ou mesmo qualquer cidadão suspeito, retomando a “casa das bruxas”, instaurada durante a Guerra Fria. “O perigoso clima de histeria ‘antiterrorista’ permite o surgimento de vozes clamando por medidas ainda mais antidemocráticas, incluindo a atribuição do direito de tortura ao Estado como método válido para obter confissões...” (idem, *ibidem*, 134).

“Assim, é evidente que se respira nos Estados Unidos uma atmosfera política envenenada, de intolerância e medo artificialmente criado, com o objetivo de justificar a aplicação de graves restrições às liberdades democráticas. E isso tudo é feito com o apoio das grandes corporações de mídia, que só se lembram de criticar o ‘autoritarismo’ de Bush quando seus interesses imediatos são afetados”. (idem, *ibidem*, 135)

¹ Graduado em Jornalismo (Unitri-MG), especialista em Comunicação Jornalística (PUC-SP), especialista em Comunicação Empresarial e Mídias Digitais (Ipog-GO), mestrando em História (PUC-GO).

Considerações

Os atos terroristas na Europa demonstram uma clara aversão dos autores aos princípios e valores de países democráticos. De forma muito ativa, promovem tal repúdio através de mortes, perseguições, assassinatos e destruição de locais históricos na tentativa de apagar comprovações físicas do passado de importantes civilizações para assim “escrever” um novo presente calcado em seus interesses.

As ações do “Estado Islâmico”, grupo fundamentalista que atua em diversas partes do mundo defende a criação de um califado, antiga forma de governo, misturada a imposição de interpretações extremas e deturpadas do Alcorão. Com aversão a outros tipos de governo, manifestações religiosas ou culturais, reagem de forma incisiva contra tudo que represente ou possa representar um obstáculo aos seus objetivos.

Por outro lado, em resposta aos atentados terroristas e em nome da segurança, medidas extremas foram e serão tomadas por países europeus, principalmente daqueles que sofrem com ataques em seus territórios, contribuindo para o fortalecimento de partidos de extrema direita e elevando as manifestações xenofóbicas e de preconceito aos muçulmanos.

Bibliografia

ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. Editora Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2003.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas - Reflexões Sobre a Origem**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008

BOURDIEU, Pierre. **Poder Simbólico**. São Paulo: Bertrand Brasil, 2005.

IANNI, Octavio. **Capitalismo, violência e terrorismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

¹ Graduado em Jornalismo (Unitri-MG), especialista em Comunicação Jornalística (PUC-SP), especialista em Comunicação Empresarial e Mídias Digitais (Ipog-GO), mestrando em História (PUC-GO).

RICARDO, Sílvia; SUTTI, Paulo. **As diversas faces do Terrorismo**. São Paulo, Editora Harbra, 2003.

THOMPSON, John P. **Mídia e Modernidade**. São Paulo: Editora Vozes, 2002.

¹ Graduado em Jornalismo (Unitri-MG), especialista em Comunicação Jornalística (PUC-SP), especialista em Comunicação Empresarial e Mídias Digitais (Ipog-GO), mestrando em História (PUC-GO).